

Editorial

Editorial

Eduardo Manuel de Almeida Leite

“A minha pátria é a língua portuguesa” (Fernando Pessoa)

O português começou por ser uma língua de ciência, quando a ciência moderna despontou, designadamente nos séculos XV e XVI. Foi nessa mesma época que os Portugueses empreenderam os descobrimentos marítimos. Foram precisas ciência e tecnologia para descobrir os caminhos do Oriente. A ciência para orientar os barcos pelos astros no alto mar. A técnica para aperfeiçoar o barco mais usado – a caravela – e para levar a bordo instrumentos que permitiam a localização no mar – o astrolábio.

Neste âmbito, destaca-se, porventura, o maior cientista português de todos os tempos, Pedro Nunes. Pedro Nunes foi matemático e “cosmógrafo-mor” do rei D. João III, no século XVI, associado à Universidade de Coimbra, uma das mais tradicionais e bem conceituadas universidades da Europa – fundada no final do século XIII – sendo as suas bibliotecas autênticos templos de referência mundial do conhecimento científico dos descobrimentos.

Outro nome de destaque é D. João de Castro. D. João de Castro foi importante pelo trabalho desenvolvido no âmbito da cartografia e da ciência, tendo ascendido a Vice-Governador da Índia. Escreveu em Português três célebres Roteiros da Índia, um dos quais encontra-se na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Descreveu, também, o desvio da agulha da bússola em certos lugares da costa onde havia metais, como o cabo das Agulhas em África. O seu nome está perpetuado no Banco de João de Castro, um vulcão submarino nos Açores que, no século XVIII, originou uma ilha temporária.

Se a ciência abriu caminho para os descobrimentos marítimos, os descobrimentos, por sua vez, permitiram mais ciência e a revelação de grandes cientistas. Garcia da Orta, médico e botânico, foi disso um exemplo paradigmático, ao escrever em Português em plena epopeia dos descobrimentos. O seu livro intitulado “Colóquios dos Simples e Drogas e Cousas Medicinais da Índia” editado em 1563, escrito na língua portuguesa, é considerado o primeiro tratado de medicina tropical. Não admira, por isso, que tenha alcançado uma forte repercussão na Europa. Os Colóquios foram rapidamente traduzidos para castelhano e para francês. O autor descreve neles espécies botânicas desconhecidas do Ocidente e as suas aplicações farmacológicas. Descreve, também, pela primeira vez a cólera e outras doenças tropicais.

Os descobrimentos potenciaram também uma evolução significativa da economia e dos negócios, estando associados ao nascimento do capitalismo comercial. Surgiram, neste período, diversos instrumentos financeiros para facilitar o câmbio e os negócios internacionais, fruto das necessidades de negociar à distância, garantir pagamentos, imediatos e diferidos, e regular uma intensa atividade comercial e cambial.

Todavia, ao sucesso histórico deu lugar um panorama empreendedor e científico atual completamente diferente. O português deixou de ser uma língua de ciência, sendo totalmente ultrapassado pela língua inglesa. Segundo dados da coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior no Brasil (Capes), os autores de língua portuguesa quando publicam em português em revistas nacionais são, em média, cinco vezes menos citados do que quando publicam em revistas internacionais.

Já quando os autores de língua portuguesa publicam em revistas nacionais, mas em inglês, a média melhora um pouco, sendo, ainda assim, em média, quatro vezes menos citados do que quando publicam em inglês e em revistas internacionais.

Logo, as revistas científicas de países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), tanto em português, como em inglês, são menos “cotadas” do que as suas congêneres internacionais de língua inglesa. Neste quadro, a tendência dos autores de língua portuguesa é publicarem em língua inglesa e, de preferência, em revistas internacionais.

Neste contexto, perde a língua portuguesa, perdem também os cerca de 265.000.000 de falantes de português em todo o mundo e os potenciais leitores da língua portuguesa. Com efeito, segundo o Observatório da Língua Portuguesa (OLP), a língua portuguesa coloca-se como a quarta língua mais falada do mundo, atrás do mandarim, do espanhol e do inglês.

Falado nos cinco continentes, o português é a língua oficial de oito países: Angola (21,5 milhões de habitantes), Brasil (202,7 milhões), Cabo Verde (498 mil), Guiné-Bissau (1,7 milhões), Moçambique (25,8 milhões), Portugal (10,6 milhões), São Tomé e Príncipe (193 mil) e Timor-Leste (1,1 milhões). Contudo, só nos casos de Portugal e do Brasil é contabilizada toda a população como falante de português. Em Timor-Leste, por exemplo, apenas 20% dos habitantes falam português, enquanto na Guiné-Bissau são 57%, em Moçambique 60%, em Angola 70%, em Cabo Verde 87% e em São Tomé e Príncipe 91%, revelam os dados do observatório.

Acrescem, ainda, as diásporas, que, juntas, ascendem a quase 10 milhões de falantes de português, incluindo os 4,8 milhões de emigrantes portugueses e três milhões de brasileiros, segundo dados de 2010 do OLP. A língua portuguesa é ainda falada em locais por onde os portugueses passaram ao longo da História como Macau, Goa (Índia) e Malaca (Malásia).

Ainda, segundo o OLP, o português é a língua mais falada no hemisfério sul, com 255 milhões de falantes em Angola, Brasil, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. Entre as línguas europeias, o português surge como a terceira mais falada e um estudo da Bloomberg considera-o a sexta língua do mundo mais utilizada nos negócios.

Em síntese, o português é uma língua com dimensão, riqueza e tradição suficientes para justificar a investigação e ciência. Sem descurar a necessária internacionalização da ciência dos autores de língua portuguesa, sem dúvida sob domínio da língua inglesa, não se deve abandonar a investigação e publicação em português. Na verdade, face ao número significativo de falantes, o português não deve comparar-se a outras línguas menos expressivas, como por exemplo o holandês, cujas publicações científicas têm um impacto científico reduzido se não forem vertidas em inglês.

Neste quadro de enfraquecimento da língua portuguesa, além das perdas em termos científicos, perdem-se também oportunidades económicas significativas. Efetivamente, segundo dados da CPLP, a atividade económica entre os países desta comunidade dos países de língua portuguesa é baixa para o potencial existente. Atualmente, os negócios realizados entre os membros da CPLP são, em média, de US\$ 13 mil milhões de dólares por ano, o que representa pouco mais de 2,3% das negociações totais que estes estados realizam no mundo, valor que gira em torno de US\$ 550 mil milhões de dólares por ano. Enquanto a China, por exemplo, possui trocas comerciais com a Comunidade da CPLP que chegam a representar um volume de US\$ 77 mil milhões de dólares.

Refletindo um pouco mais sobre este mercado da CPLP, concluímos que 50% dos recursos petrolíferos descobertos na última década estão nestes países; em meados deste século, o gás e o petróleo de Angola, Brasil, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé representaram 30% da produção mundial de hidrocarbonetos, o equivalente à produção atual do Médio Oriente. Acresce a estes valores a produção petrolífera da Guiné Equatorial, o mais recente membro da CPLP, a terceira maior a sul do Sara após a Nigéria e Angola, o país mais rico da África subsariana com 35 mil dólares de rendimento per-capita – semelhante ao do Reino Unido – apesar de 78% dos seus habitantes viverem abaixo do limite da pobreza.

Por estas razões, a língua portuguesa não pode acomodar-se a uma posição de segundo plano. Sendo uma língua de relevo mundial, não é expectável nem compreensível que se posicione como as línguas pouco faladas, como o exemplo já mencionado do holandês ou o esloveno, cujas publicações científicas têm um impacto insignificante se não forem apresentadas em inglês. Dado a dimensão do mercado de língua portuguesa, as universidades da CPLP podem internacionalizar-se, sem precisar necessariamente de ofertar cursos em inglês.

Reforçando esta constatação, note-se que o número de teses brasileiras equivale a 1,6% da produção mundial (2004-2008), um aumento de 0,3% em relação ao período entre 1999 e 2003. O estudo da Royal Society, a academia de ciência britânica, mostra que só a cidade de São Paulo foi do 38º para o 17º lugar entre cidades com mais publicações científicas no mundo. Para o Instituto Camões, o Brasil ocupa os primeiros lugares entre os países ibero-americanos ao nível da produção científica.

O número de universidades tem aumentado em quase todos os países da CPLP, os programas de pós-graduação, financiamentos e publicações também têm aumentado significativamente. As bibliotecas virtuais das universidades do Brasil têm disponibilizado virtualmente dissertações e teses de forma gratuita. Assim, iniciou-se um círculo virtuoso entre produção e acesso como nunca antes constatado.

Apesar de tudo isto, reconhecemos que publicar em inglês é uma das condições atuais para a internacionalização da investigação. Contudo, não será bom para a comunidade científica reduzir a produção e a circulação de conhecimento científico a uma única língua veicular. O latim, por exemplo, foi durante séculos a língua veicular da ciência, acabando relegada para segundo plano, pelo uso do vernáculo. A dinâmica da história ensina-nos que nenhuma língua é, ou será, eternamente dominante. Na verdade, nada nos garante que o inglês seja eternamente a língua da comunicação científica. Infelizmente, os instrumentos de bibliometria científica, tal como estão definidos, não contribuem para o aparecimento de outras línguas científicas, mas sim para o predomínio da língua inglesa. Para tentar inverter esta tendência, seria bom que se incentivasse o aparecimento de novos instrumentos bibliométricos

alternativos e comuns às publicações em língua portuguesa. Os países da CPLP podem e devem desenvolver uma política científica comum, que valorize o português como uma língua científica internacional. Todavia, um tanto surpreendentemente, a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), em Portugal, e a Capes, no Brasil, entre outros organismos científicos da CPLP, quase que descartam o português como língua científica, considerando, apenas, de impacto internacional o que é publicado em inglês e por revistas internacionais. Desta forma, apesar das diferenças significativas assinaladas acima, estamos a tratar o Brasil, Portugal e toda a comunidade da CPLP como se tivéssemos a dimensão de um pequeno país.

Assim, caros autores de língua portuguesa, colegas da CPLP, aparentemente não existem grandes estímulos para escrevermos e publicarmos em português. Somos praticamente ignorados em termos científicos, tanto internamente, como ao nível internacional, não pontuamos na carreira docente e de investigação, entre outros aspetos desfavoráveis. Porém, não podemos desistir do português e da nossa identidade cultural, bem como da vantagem que é pertencermos à CPLP. Um facto que não deixa de ser curioso é ser esta, ainda, uma vantagem herdada do empreendedorismo e da ciência do século XVI e dos descobrimentos marítimos. Assim, pese embora partirmos em desvantagem na atual rede da ciência internacional, ainda não perdemos a vantagem comparativa que remonta ao século XVI. É neste quadro que não devemos deixar morrer o português como língua de ciência, o que, a acontecer, será também o início do fim do português como língua.

Por forma a evitar esse fim trágico da língua portuguesa, que seria a sua perda, recordemos as palavras de Miguel Torga a propósito da morte:

“A morte só tem razão quando desistimos diante dela. E foi a morte que nós sempre combatemos, por ofício e devoção, de dia e de noite, até quando tudo parecia perdido. E é ela que temos que continuar a combater, agora dentro de nós, lucidamente, a fingir-lhes as manhas e a crueldade, cordiais, compreensivos e de ânimo disposto a todas as provações. Nós somos o que fomos.”

Podemos acrescentar ao que escreveu Miguel Torga, que, se por variadas razões atualmente não somos o que fomos, pelo menos deveremos ambicionar sermos no futuro o que fomos no passado. Não devemos, por isso, ignorar a nossa história e negligenciar o conhecimento dos nossos antepassados e iniciar algo novo em língua inglesa, que não é nossa, nem dominamos em pensamento, mas apenas em tradução.

É no quadro deste desafio que surge a E3. A nossa missão é contribuir para um relacionamento estreito entre a comunidade científica da CPLP, tendo o português como elemento distintivo e unificador. No domínio da economia, das empresas e dos empreendedores, o objectivo é realizar ações que se traduzam num valor acrescentado para os negócios e na melhoria da qualidade de vida das populações, tendo a E3 como meio difusor.

Agradeço, assim, aos colegas e parceiros que, desde a primeira hora, se dispuseram a aceitar este desafio e a participar nesta difícil missão.

Com os votos de uma boa leitura,